

# Travestilidade e suas vulnerabilidades emocionais

William Emanuel de Oliveira Nascimento<sup>1</sup>

Fabiane Mônica da S. Gonçalves<sup>2</sup>

## Resumo

O presente trabalho tem como proposta o debate em torno do gênero travesti e suas experiências de vida e de dor ao qual vos colocam em situações de vulnerabilidades, trazendo como consequência o sofrimento mental causado por intervenções preconceituosas de forma social aos espaços de acolhimento profissional. Tendo-se como intermédio estruturas e manejos da psicologia humanista onde possa ser analisado comportamentos sociais e profissionais que possam a vir interferir no molde de criação do “eu” do sujeito, onde desse ponto possa existir uma reflexão e uma reformulação de atitudes, principalmente do atendimento psicoterapêutico heteronormativo e cisgênero a pessoas não cisgeneras visando um atendimento psicoterapêutico abrangente e integrativo. Ancorando-se em um formato metodológico de pesquisa qualitativa de fins explicativos e descritivos em meios bibliográficos e documentais, utilizando-se de fontes primárias e secundárias. O estudo sinalizou a falta de debate do gênero travestis em meios acadêmicos e sociais.

**Palavras-chave:** Travestilidade; Transexualidade; Saúde Mental.

## 1. Introdução

Com base em estudos no ano de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Conselho Federal de Psicologia (CFP), foi retirada da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID) a transexualidade da classificação de como transtorno mental, sendo essa modificação condizente com a Resolução

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA). E-mail: [wemanuel1998@gmail.com](mailto:wemanuel1998@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Orientadora Mestra em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Docente do Departamento de Psicologia do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA) e da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO). E-mail: [fabianemonica@univisa.edu.br](mailto:fabianemonica@univisa.edu.br)

CFP nº01/2018, onde se dar a orientação para que psicólogos(as) brasileiros(as) hajam de maneira que a transexualidade e a travestilidade não podem ser consideradas patologias (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

Em contrapartida, no ano de 2021 o Brasil apresenta a marca 140 assassinatos por transfobia, mostrando um aumento de cerca de 141% de violência contra essa população se comparado ao ano de 2008, ressaltando que pessoas trans/travesti seguem sendo agredidas diariamente em território nacional, esses dados apresentam o Brasil como o país que mais assassina pessoas trans e travestis no mundo (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2021). Porém não existem dados concisos perante a OMS para com o público travesti/trans, apenas estima-se de que entre 42 a 46% do público trans/travesti já possa ter tentado alguma maneira de suicídio, sendo a prevalência brasileira de 4,6% (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018). Desta forma, nota-se a falta de dados concretos, meios de pesquisas empíricas e governamentais para a criação de métodos de prevenções de suicídio para essa população trans/travesti.

O termo travesti não carrega consigo a necessidade de um engessamento de concepções generalistas ou genitalistas, ele vem como forma de um termo guarda-chuva e acolhedor, que se atrelam a percepção da busca pela feminilidade, que está ligada diretamente a narrativas de dor que se criam mediante o vivenciar travesti. Tendo em vista o não enquadramento em padrões sociais binários impostos, se cria a atitude de exclusão social, que se evidencia dos mais tipos de discriminações, trazendo a rejeição como membros existentes de uma comunidade social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015), gerando então um sofrimento psíquico contínuo e duradouro, distanciando esse sujeito de sua real construção.

É importante reforçar que indivíduos que se encontram em constante sofrimento psíquico e vulnerabilidades sociais e emocionais, devem e necessitam serem reconhecidas como membros ativos de uma sociedade. A mudança do estado dessa saúde mental também se dá mediante as disponibilidades de recursos e integrações econômicas, políticas, culturais e jurídicas (TONIN; BARBOSA, 2017).

Desta forma, é necessário abordar as necessidades do acompanhamento psicológico da travesti e sua travestilidade diante das vulnerabilidades emocionais geradas por uma sociedade cisgenera.

## **2. Metodologia**

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura onde busca identificar, analisar, interpretar e desenvolver toda a pesquisa disponível relevante para uma questão de pesquisa

específica de maneira imparcial. Ancora-se em uma pesquisa qualitativa de fins explicativo e descritivo e de meios bibliográfico e documental.

A busca do material foi realizada entre agosto e outubro de 2022 com base em publicações decorrentes de períodos desde 1988 a 2022. Foram pesquisados nas seguintes bases de dados eletrônicas: Livros, Site do Conselho Federal de Psicologia, PubMed, Google Acadêmico, Ministério da Saúde, e Scielo, por meio das seguintes palavras-chaves: travesti, travestilidade, transexualidade, psicologia humanista, vulnerabilidades, saúde mental.

Para a inclusão dos artigos localizados nessa busca foram adotados os seguintes critérios: a) tratar-se de artigo e informação empírica; b) dados publicados entre os anos de 1988 a 2022; c) publicados em português e inglês; d) que relacionassem a travestilidades com as vulnerabilidades emocionais. Foram excluídos: a) artigos com informações repetidas; b) aqueles que enfocavam apenas um dos temas; c) os que mencionaram os dois temas sem examinar adequadamente a relação entre eles; d) artigos que não tratavam de nenhum dos temas; e) estudos cuja qualidade foi considerada frágil.

Após a leitura dos títulos e resumos das produções encontradas em cada base, foram aplicados os critérios de exclusão. Quando a leitura não se mostrou suficiente para a definição sobre a adequação ou não do artigo aos critérios de inclusão definidos, os mesmos foram lidos na íntegra. Concluída a leitura integral do material, o conteúdo dos artigos foi organizado e categorizado.

### **3. Resultados e discussão**

Segundo Friedli (1999) o termo travestir data do século 17, aparecendo pela primeira vez na Inglaterra no ano de 1652 para descrever mulheres que por ventura se vestiam de homens e bastante usado durante o período iluminista. Porém, segundo dicionário Houaiss (2001) de língua portuguesa mostra que o termo na verdade vem de origem francesa e origina-se bem antes disso, no ano de 1543, derivando da palavra *travestire*, que nada mais é que disfarçar-se. Ainda segundo o mesmo dicionário, o termo vem ser usado como substantivo para representar homens que se vestiam de mulher ou vice e versa apenas em 1831. Já Hirschfeld (1991) afirma que o termo vem do latim (*transvestite*) que quer dizer igual a roupa.

O termo travesti se apresenta de maneiras bem generalistas, esse gênero está atrelado a múltiplas formas de sentir e expressar-se. Assim como nos traz Pelúcio (2009) em sua literatura, não podemos engessar em uma única maneira para a expressividade desse gênero, já que as travestis trazem consigo a pluralidade de imagens e concepções em ser mulher/homem, se tendo como recorte as influências e variações ambientais e socioculturais.

---

Isso nos traz o conceito de que as expressividades indenitárias não serão expressividades estáticas, mas uma forma que vai continuar e construir mediante as relações sociais, tendo o processo de absorção de significados e construindo seu próprio sentido de “eu”. O se tornar travesti parte do entendimento da necessidade da materialização dessas possibilidades e perspectivas que se tornavam partilháveis dentro de seus sistemas sociais, sendo assim, esses ambientes lhe dão a oportunidade de afirmar-se como pessoas. (EKINS; KING, 2006).

O primeiro contato de uma travesti com um novo mundo lhe coloca como pertencente e existente naquele espaço, trazendo consigo situações que as conectem com a evocação de fantasias arcaicas em torno dos seus corpos e seus prazeres sexuais, indo de embate contra as rigidezes construídas por influências sociais de como deve ser feminino ou masculino. Desta forma, impedindo o sujeito de ser ter tranquilidade mediante pessoas que apresentam genitálias masculina e uma expressividade de gênero feminina, causando discriminação e o preconceito mediante o abalamento de códigos genitalistas construídos socialmente (PEREZ, 2008).

Os corpos travestis são marcados e visto como corpos demarcados como os sujeitos com defeitos visíveis, sendo colocadas a uma margem de categoria social desacreditada e inexistente, se tendo como base as contribuições literárias de (GOFFMAN, 1998).

---

## **1.1 Travestis e transexuais em situações de vulnerabilidade**

A vulnerabilidade se mostra como a fragilidade que a pessoa tem em ser lesionado ou ferido. Deste modo, o indivíduo fica exposto a diversos riscos que certamente o afetará. Tais situações nos levam a crer que a vulnerabilidade está apenas ligada a processos físicos, porém isso se torna uma falácia, uma vez que essa vulnerabilidade também está ligada a processos psíquicos, pois as pessoas podem também adoecer/sofrer emocionalmente (SANTOS, 2020).

De acordo com uma pesquisa realizada pela Transgender Europe, uma organização não governamental (ONG), realizado entre os anos de 2008 e 2015, no Brasil foram registrados 802 homicídios de pessoas trans/travesti (Transgender Europe, 2016). Os dados apresentados mostram que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, ficando em primeiro lugar na lista com 65 países pesquisados. Ainda esses dados nos mostram que essas mortes acontecem de maneira violenta e cruel (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2018).

No Brasil, a população trans/travesti encontra-se em grade vulnerabilidade social e discriminação, visto que essas pessoas não estão dentro dos padrões impostos pela sociedade, referente a padrões normativos de gênero e sexualidade. Assim as mesmas acabam não tendo seus direitos cívicos reconhecidos, o que acaba acarretando uma certa exclusão social, levando-as a uma forma de sobrevivência a margem da sociedade. (AMORIM; VIEIRA; BRANCALEONI, 2013).

Ainda no âmbito dessa exclusão social, Kulick (2008) fala sobre as relações familiares, onde o mesmo afirma que essas relações são bastante dúbias e altamente perceptíveis. Essa afirmação é corroborada através de um trabalho de investigação feito na cidade de Salvador-BA, em que a relação auxílio familiar se apresenta em sua grande maioria com crueldade e poucas vezes acolhedoras. Já sofrendo situações difíceis em suas casas, as travestis também não encontram apoio em ambientes escolares, onde permeia-se por uma atmosfera de desprezo, luta, confrontos rotineiros e dificuldades interpessoais (FIGUEIREDO, 2011). Ainda nesse âmbito, Cardozo (2009) e Mascarenhas *et al* (2013), analisam que o bullying é um dos principais fatores que causa a evasão dessa população nas escolas, pois esse ambiente representa um espaço de conflitos e ofensas morais para muitas, com claro objetivo de intimidação e violência, tanto física quanto psicológica.

Graças a criação de uma política nacional de saúde à população LGBT, a Portaria nº 2.836 (BRASIL, 2013), mostra-se necessário em se falar sobre saúde mental no tocante a essa população. Segundo Ferreira (2018), vários temas psicossociais podem afetar a saúde da pessoa, e diversas vezes esses temas podem levar a desencadeamento de transtornos mentais. Ainda outro problema é o estigma que esse público carrega perante a sociedade, o que faz com que muitas dessas pessoas necessitem de um acompanhamento biopsicossocial, para que assim estejam prontas para a mudança a qual almejam.

A população trans está mais passível a sofrer com problemas de saúde mental, visto a busca por adequação ao corpo que a sociedade usa como padrão. Diante disto, a uma aniquilação de sua subjetividade como pessoa. Na busca disso essa população pode sofrer isolamento social, humilhação, julgamentos entre outros, elevando isso a uma possível tortura física e psicológica, por apenas buscarem uma reversão de identidade de gênero (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

Ao abordamos saúde mental, torna-se fundamental exaltar as informações sobre a taxa de suicídio, onde se mostra não haver dados concretos sobre tal tema na OMS, quanto a população trans, porém a uma estimativa que no Brasil de 42 a 46% das trans/travesti já tentaram suicídio, esse dado se mostra alarmante quando compara com a população geral do

Brasil que é de 4,6% (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018). Esses dados salientam a importância de uma psicologia clínica integrativa e humana para pessoas não-heteronormativas e não cisgêneras, ocorrendo a necessidade de uma abordagem clínica mais abrangente e acolhedora, de forma que não negligencie o outro ser que busca a escuta psicoterapêutica.

## **1.2 Como a psicologia humanista enxerga o ser travesti**

Tendo em vista a perspectiva de Gibson (1998, pp. 13-14), nota-se da importância de que a intervenção realizada na clínica deve ser feita do ponto de quebra de limites ou muros, fazendo então com que aquele sujeito possa realizar a desmembramentos de ideias, e a partir dessa situação possa se ter a criação da transformação. Essa quebra faz com que aquele sujeito até então em estado de sofrimento e deturpação do seu eu possa emanar e desencadear perplexidades, fazendo com que o sujeito se integre ao processo, realizando então organizações criativas de si e do mundo ao qual ele se é pertencente.

Para Sanders (1994), alguns comportamentos e intervenções devem ser medidos e adaptados para o público não-heteronormativo, ele traz a perspectiva de que o psicoterapeuta deve trazer o sujeito ao lugar de reflexão positiva mediante as suas experiências de relações com outras pessoas do mesmo gênero, trazendo um apoio para com o paciente, e que o consiga reconstruir sua perspectiva de negatividade sobre o seu gênero ou sexualidade para um campo de positividade, fazendo com que esse público alinhe seus pensamentos a uma visão de verem a si mesmos como sujeitos vítimas de pensamentos de desacreditamento social, preconceitos e exclusões sociais afetivas, e que a partir desse ponto possam emergir e externalizar sentimentos preconceituosos que foram retraídos com o passar de suas experiências. Sanders (1994) chega a discorrer da importância que o psicoterapeuta tem como papel de trazer o incentivo que esses pacientes devem alinharem seus pensamentos a ambientes ativistas.

Castañeda (2007) traz em sua literatura a importância de que se o psicoterapeuta for heterossexual ele se tem por obrigação e a necessidade de enfrentar seus preconceitos e de forma contínua sua ignorância pessoal, se tendo em vista que as experiências vividas por sujeitos não-heteronormativos no campo de relações do eu, social e sentimental, possuem suas especificidades próprias. Tendo em vista de que a clínica focada e voltada para o público LGBTQIAP+, não se tem como apenas ponto central a necessidade de tornar esse sujeito não-

heteronormativo viver e ser feliz apesar da sua exclusão social, mas de que fato graças as suas pluralidades como sujeito.

Quando o sujeito vai em busca desse acolhimento psicoterapêutico ele se apresenta de forma conturbada e dissociativa do que se é dele e do que se apresenta como do outro, o psicólogo tem por necessidade o construto de um ambiente libertário, onde torna-se possível que aquele sujeito em sofrimento possa ser incluído ao processo de mover-se, sentir-se e poder ser, para que então, que desse ponto ele possa se tornar mais si mesmo, e possa então deteriorar falsas perspectivas de si e a partir desse ponto possa se tornar cada vez mais pertencente e existente de si verdadeiro. (ROGERS, 2017).

Partindo da perspectiva da logoterapia nota-se a função da não necessidade de dispor de sentidos de existências para aquele indivíduo, mas a facilitação de direcionamento do mesmo para que ele possa clarear e criar discernimento para que suas visões e perspectivas de mundo, criando assim um sentido para sua própria existência e consiga observar as possibilidades que fazem parte do seu ambiente.

Tendo em vista que a proposta da logoterapia é do encontro da totalidade do indivíduo consigo mesmo e o todo, torna-se considerável as possíveis dimensões existenciais humanas como em três bases, sendo eles integrados em biopsicoespiritual, ou seja, o corpo físico, psíquico e noológico, sendo o campo espiritual um lugar que se não é explicativo por um profissional, pois o mesmo não se encontra nem no biológico nem no psíquico do indivíduo, mas se expressa de dentro da existência do próprio. Como a sua vontade de sentido para a vida e a sua liberdade de escolha (XAUSA, 1988).

Porém em meio a esse processo, surge sujeitos que expressam a desesperança e a dúvida no sentido para com a vida, fazendo com que se crie um sentimento de vazio existencial, fazendo esse sujeito criar um sentimento de não sabe para onde está indo ou muito menos onde ele quer chegar. Desse ponto nota-se que o surgimento desses sentimentos não se dá porque esse indivíduo não sabe propriamente viver, mesmo que ele tenha meios complementares para viver, mas de que falta um real sentido para viver. Sendo assim, entende-se de que o ser humano tem a existência do sentimento do querer, mas por diversas vezes não sabe o que realmente quer, percebe-se então que o sujeito perde a sua sabedoria do sentido (SILVEIRA; GRADIM, 2015).

Podendo-se então observar que o vivenciar em sociedade, ocorre-se por meio de diversos tipos de influências exteriores onde trazem consigo interferências psicológicas, biológicas e sociais perante o comportamento do sujeito, nota-se então de que não há como distanciar o condicionamento perante sua vida, fazendo com que as pessoas possam ser

privadas de tudo, mas, em contrapartida, possuam da liberdade para se posicionarem aquilo que a vida verdadeiramente vos apresenta (FRANKL, 2005).

Tendo em vistas que essas influências e participações externas, interferirão ao relacionamento pessoal e íntimo, percebe-se a existência da exclusão social no público travesti, a logoterapia traz como proposta a motivação para que esse indivíduo consiga trazer significados positivos a esses vivenciar, onde possam observar ambientes que vivenciem o amor e a bondade, onde esses experienciar forneçam subsídios para que se possa suportar situações advindas e trará a ressignificação do sofrimento, fazendo então que esse sujeito passe a olhar para si, onde possa observar e expressar seus limites e superá-los, trazendo a maior plenitude de significado de vida. (CAMPOS; CUNHA, 2016).

Importante relembrar de que a pessoa é responsável pela criação de suas percepções de sentido de vida, onde o psicoterapeuta se apresenta como um acompanhador e facilitador de sua auto-jornada (FRANKL, 2005), formando então um sujeito cheio de si, e cheio de percepções e significados de vidas que o mova e evolua por decisões próprias.

## **2. Considerações finais**

Mediante esses dados foi possível perceber que dentre as vulnerabilidades ocorridas, se advém do fator da travestifobia, ou seja, de violências geradas e vivenciadas devido as suas identidades de gênero.

No parâmetro da psicologia humanista, a relação das vulnerabilidades emocionais com o sofrimento psíquico causado, entende-se que o contexto ao qual as travestis vivenciam é de cunho complexo e subjetivo, devendo-se então identificar e respeitar cada uma desses vivenciar únicos. Pode-se também evidenciar a ausência de levantamento de dados sobre a população travesti.

Este trabalho observou diferentes tipos de vulnerabilidades emocionais, e diferentes tipos de vivenciar travesti, sendo assim esses resultados não deverão ser limitados apenas a um indivíduo, sugerindo-se então que futuras pesquisas, continue o trabalho de amplitude a abrangência da população travesti, tendo em vista que os preconceitos e a marginalizações mediante aos mesmos está muito longe de acabar, e que desses futuros conhecimentos sobre a vulnerabilidade e as identidades travestis, possam contribuir para o declínio de preconceitos e a patologização vivenciadas por essas pessoa.

### 3. Agradecimentos

A todos que participaram, direta ou indiretamente da construção deste trabalho, enriquecendo o meu processo de aprendizado. A meus amigos e familiares por estar junto a mim em todo o processo.

### 4. Referências

ALMEIDA, C. B.; VASCONCELLOS, V. A. Transexuais: Transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo?. **Revista Direito GV**, 14(2), 303-333. DOI: 10.1590/2317-6172201814. 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Precisamos falar sobre suicídio de pessoas trans!** Brasil, 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê:** assassinatos e violência contra travestis brasileiras e transexuais em 2021. Brasil, 2021. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>> Acesso em: 25 de Novembro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.** Brasília, Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério Da Saúde. **Transexualidade e Travestilidade na Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa Departamento de Apoio à Gestão Participativa.** Brasília, DF: Ministério da Saúde. 2015. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade\\_travestilidade\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf) Acesso em: 01 de Dezembro de 2022.

CAMPOS, L. DOS S.; CUNHA, L. S. P. A busca pelo sentido da vida em meio a exclusão: Um estudo logoterápico com pessoas em situação de rua. **Revista Logos & Existência**, 5(2), 175-190. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/28841> Acesso em: 20 de Novembro de 2022.

CARDOZO, F. **Das dimensões da Coragem: Socialidades, Conflitos e Moralidades entre Travestis em uma cidade no Sul o Brasil.** Dissertação de Mestrado – PPGAS/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2009.

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas.** Tradução de Brigitte Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo: A girafa. 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (2018). **Resolução CFP 01/2018.** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/tag/resolucao-01-2018/> Acesso em: 01 de Dezembro de 2022.

EKINS, RICHARD.; KING, DAVE. **The transgender phenomenon.** Londres: Sage. 2006.

FERREIRA, I. **Universo Trans em tempos de inclusão social: qual o lugar da prostituição?.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rj. 2018.

FARIA, P. M. **Revisão Sistemática da Literatura: teoria e prática para o desenvolvimento profissional docente e inovação educativa com TIC.** 1ª ed. Santo Tirso: Whitebooks, 2015.

FIGUEIREDO, A. **"Se pudesse ressurgir, viria como o vento". Narrativas da dor: corporalidade e emoções na experiência da travestilidade.** Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), (8), 90-112. 2011.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração** (21a. ed., W. O. Schlupp, C. C. Aveline, Trad.). São Leopoldo, RS: Sinodal. 2005. (Trabalho original publicado em 1946)

FRIEDLI, L. **“Mulheres que se faziam passar por homens”:** um estudo da **fronteira entre os gêneros no século XVIII** in ROUSSEAU, G. S.; PORTER, Roy (orgs.), **Submundos do sexo no Iluminismo,** Rio de Janeiro, Rocco, 1999

GIBSON, M. G. Clínica da perturbação – abordagem transdisciplinar. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF,** 10 (2 e 3), 4-23.1998.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs.** CFP: Brasília, DF. 2019.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 1988.

KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2008.

MASCARENHAS, S. A. N.; MARTINEZ, J. M. A.; MACIEL, A. C. **Bullying e rendimento acadêmico de estudantes universitários.** In: MASCARENHAS, S. A. N., (Coord). Determinantes do rendimento acadêmico no ensino superior. Humaitá, AM: UFAM. 2013.

MULHER. Intérprete: Linn da Quebrada. Compositor: Linn da Quebrada. In: **MULHER.** Intérprete: Linn da Quebrada. [S. l.: s. n.], 2017.faixa 1. Disponível em: Spotify. Acesso em: 20 out. 2022.

PELÚCIO, L. **Abjeção e Desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS.** São Paulo: Annablume: FAPESP, 2009.

PERES, W. S. **Travestis: corpo, cuidado de si e cidadania.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, 8., 2008, Florianópolis. *Anais:* [...]. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008. p. 1-7.

ROGERS, C. R. **Torna-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SANDERS, G. L. **O amor que ousa declarar seu nome: do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas.** In: E. Imber-Black (org.). Os segredos na família e na terapia familiar (pp. 219-244).1994. Tradução de Denise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas.

SANTOS. K. A. A. **O lugar da mulher trans no cárcere.** Universidade Federal de Sergipe. Programa em pós-graduação em direito - PRODIR. São Cristovão-SE. 2020.

SILVEIRA, D. R.; GRADIM, F. J. Contribuições de Viktor Frankl ao movimento da saúde coletiva. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 21(2), 153-161. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-68672015000200005&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672015000200005&lng=pt&nrm=isso) Acesso em: 01 de Dezembro de 2022.

TONIN, C. F.; BARBOSA, T. M. A interface entre saúde mental e vulnerabilidade social. **Revista Eletrônica Tempus**, 11(3), 50-68. DOI: 10.18569/tempus.v11i3.2281. 2017.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. (2ª ed.). Petrópolis: Vozes. 1988.